

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO FOJO, ITACARÉ-BA: por uma adequação no currículo escolar, pela decolonização dos saberes e das práticas pedagógicas

QUILOMBOLA DO FOJO COMMUNITY, ITACARÉ-BA: for an adaptation in the school curriculum, for the decolonization of sabers and pedagogical practices

COMUNIDAD QUILOMBOLA DO FOJO, ITACARÉ-BA: para una adaptación en el currículo escolar, para la descolonización de saberes y prácticas pedagógicas

Geomara Pereira Moreno Nascimento
Tereza Cristina Soares de Sá

Resumo: A comunidade do Fojo, situada no município de Itacaré representa um remanescente de quilombo de grande importância para a história da resistência do povo afrodescendente. Sabemos que as práticas pedagógicas são referendadas no currículo e não há como traçar as metas da educação escolarizada sem que se considere suas determinações. Não podemos desconsiderar que a elaboração do currículo é permeada de ideologia, cultura e relações de poder. Trata-se de um processo social e sua prática é complexa, pois convive diretamente com os fatores lógicos, epistemológico, intelectuais, propósitos de dominação dirigidos pelos fatores ligados à classe, raça, etnia e gênero, entre outros. Buscamos através desse trabalho mostrar as reflexões a partir da investigação e análise do ideário curricular da Rede do município em questão e do diálogo feito com autores/as que se dedicam aos estudos de identidade, currículo, questões raciais, educação quilombola e movimentos sociais.

Abstract: The community of Fojo, located in the municipality of Itacaré, represents a quilombo remnant of great importance for the history of the resistance of the Afro-descendant people. We know that pedagogical practices are endorsed in the curriculum and there is no way to outline the goals of school education without considering their determinations. We cannot ignore that the development of the curriculum is permeated with ideology, culture and power relations. It is a social process and its practice is complex, as it coexists directly with logical, epistemological, intellectual factors, domination purposes directed by factors linked to class, race, ethnicity and gender, among others. Through this work we seek to show the reflections from the investigation and analysis of the curricular ideas of the network of the municipality in question and the dialogue made with authors who are dedicated to the studies of identity, curriculum, racial issues, quilombola education and social movements.

Resumen: La comunidad de Fojo, ubicada en el municipio de Itacaré, representa un remanente quilombo de gran importancia para la historia de la resistencia de los afrodescendientes. Sabemos que las prácticas pedagógicas están respaldadas en el plan de estudios y no hay forma de delinear los objetivos de la educación escolar sin considerar sus determinaciones. No podemos ignorar el hecho de que el desarrollo del plan de estudios está impregnado de ideología, cultura y relaciones de poder. Es un proceso social y su práctica es compleja, ya que coexiste directamente con factores lógicos, epistemológicos, intelectuales, con fines de dominación dirigidos por factores vinculados a la clase, raza, etnia y género, entre otros. A través de este trabajo buscamos mostrar las reflexiones de la investigación y el análisis de las ideas curriculares de la red del municipio en cuestión y el diálogo realizado con autores que se dedican a los estudios de identidad, currículum, cuestiones raciales, educación quilombola y movimientos sociales.

Palavras-chave: Comunidades Quilombola; Currículo; Práticas Pedagógicas; Identidade.

Keywords: Quilombola Communities; Curriculum; Pedagogical practices; Identity.

Palabras clave: comunidades quilombolas; Plan de estudios; Prácticas pedagógicas; Identidad.

INTRODUÇÃO

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação
Solano Trindade

Sabe-se que as escolas quilombolas foram regulamentadas com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012, as quais instituíram que as secretarias de educação garantam projetos políticos pedagógicos ajustados às especificidades e realidades quilombolas. Essa implicação fez com que a inserção da educação quilombola como modalidade da Educação Básica em todo sistema de ensino, estivesse, a princípio, fundamentada nas orientações curriculares gerais da Educação Básicas. Diretrizes que incluíam também o ensino de história e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares das escolas públicas e privadas da educação básica, como estabelece a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Esse contexto, além de nosso interesse conjunto em estudar as escolas do campo e suas especificidades, favoreceu esse estudo inicial da educação realizada na comunidade quilombola do Fojo, a ser aprofundado. Pois se acredita que uma escola quilombola, nos tempos atuais, poderá representar uma forma de resistência e de garantia do fortalecimento da identidade das crianças e jovens afrodescendentes, salvaguardando a luta de nossos/as ancestrais.

O nosso interesse maior nessa pesquisa é justamente o pressuposto de que uma educação gerida dentro da comunidade quilombola, possivelmente resultará na autoafirmação e melhorias nas condições de vida do povo negro ali inserido, com reflexos positivos em outras comunidades. O cerne do trabalho é justamente o entendimento de um redirecionamento a ser dado na atual educação das/para relações étnico-raciais, para um outro modelo de currículo a ser adotado para esse território quilombola, focado em práticas pedagógicas ressignificando uma valorização do lugar de memória e história do povo negro. E aqui está nossa problematização: Se a escola quilombola no Fojo se atrela a um currículo descontextualizado dos saberes e memórias ancestrais locais, logo se questiona essa educação atualmente oferecida nesse espaço, silenciadora do reconhecimento e de uma valorização da importância do território quilombola, com suas marcas identitárias ancestrais, representando um legado cultural e imaterial, que cabe ser superada.

Trazemos esse artigo como fruto de uma pesquisa em andamento acerca do funcionamento da Escola São Roque II, cuja portaria de criação não tivemos acesso. A escola funciona no turno diurno, tendo duas professoras regentes em cada turno, com turmas multisseriadas.

Para entender a dinâmica do processo pedagógico traçado a partir da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Itacaré-Ba, se buscou investigar e avaliar o ideário curricular da Rede desse município. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: Coleta de dados a partir da consulta ao processo de criação da escola; análise do Projeto político Pedagógico e documentos da escola que nos retratam o currículo utilizado e as práticas educativas regulamentados para comunidade quilombola em questão, além de entrevistas e conversas dialogadas com os sujeitos da pesquisa, a fim de proporcionar interação e confiança, na obtenção dos significados advindos das falas captadas. São eles/as: professoras, coordenadora da educação no campo, estudantes, representantes da Associação de moradores e pessoas da comunidade. No que diz respeito a análise da coleta dos dados, utilizamos a pesquisa qualitativa para fundamentar os procedimentos qualitativos, pois segundo (Gonsalves, 2007, p. 69) “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. O método que nos baseamos é o dialético, pois, de acordo com Gonçalves:

[...] Na dialética. As coisas são analisadas na qualidade de objetos fixos. Mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar, [se] desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo do outro. Ou seja, nada existe isoladamente, de forma independente, tudo está interligado, em uma situação de interdependência (GONÇALVES, 2005, p. 41)

Pretende-se que ao se finalizar a investigação, se possa reaprender mais sobre a escola quilombola, além de colaborar para que essa discussão, aqui delimitada e que se processa no âmago da comunidade remanescente de quilombo, favoreça o amadurecimento e (re)significação das práticas pedagógicas, que devem caminhar no cumprimento das determinações legais das Diretrizes Curriculares Nacionais.

ESCOLARIZAÇÃO EM ESPAÇO QUILOMBOLA: APAGAMENTO DE IDENTIDADE NEGRA

Quilombos, meus sonhos
Sofro de uma insônia eterna de viver vocês
Vivo da certeza de renascê-los amanhã[...]
Luis carlos Limeira

Entende-se que a educação quilombola surge a partir das inquietações no setor educacional mais ou menos na década de 1980. Representa um anseio e mobilização dos que pretendiam a reconstrução do papel social das escolas, que atendem especificamente esse perfil de comunidade.

Quando nos inclinamos para a pesquisa em questão, fomos tomadas pela projeção do que assegura as Diretrizes Curriculares para a educação quilombola de 2012, que segue os indicativos das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica. Onde se estabelece que a Educação Escolar Quilombola, seja garantida e ofertada em suas próprias terras, com o intuito de praticar a cultura de seus ancestrais, na disposição uma pedagogia que respeite e valorize a especificidade étnico-cultural de cada realidade.

Acredita-se que, para uma comunidade quilombola garantir tal reconhecimento, ela conte com o envolvimento das organizações da própria comunidade com o poder público. O reconhecimento identitário atinge não apenas a demarcação e titulação das terras, mas principalmente a presença dos remanescentes que ocupam determinado território. Em nossa concepção, a educação escolar, perpassa pelo mesmo viés.

Sabemos também das lutas do Movimento Negro para combater desigualdades e discriminações nessas localidades, além de requerer uma educação quilombola que retratasse o povo que ali habita, garantindo a realidade histórica antes invisibilizada pela política educacional. Concordamos com (Daxemberger e Sá Sobrinho, 2014, p.15) a respeito de comunidade de quilombo:

[...] são aquelas que oriundas de lutas contra desigualdades sociais caracterizadas por marcas de resistência e com uma identidade cultural, onde em um construíram suas vidas e um legado. Não obstante, vale lembrar que este conceito é brasileiro, não sendo utilizado em outros países[...]

Na verdade, o estudo de quilombos é de grande complexidade e não é a proposta do momento. Nosso viés é a educação quilombola. Deixamos claro que nosso interesse prioritário é analisar as particularidades da realidade de uma escola quilombola e a escolha pela comunidade do Fojo, se deu por termos acesso às pessoas diretamente ligadas ao

processo político associativo que nos proporcionaram adentrar na realidade da comunidade e o interesse pela educação, certamente se dá por nossas funções de professora/pedagoga e assistente social, sempre inclinadas a educação para/pela diferença. Estamos assim a investigar como funciona a educação formal em um espaço demarcado por trazer enclaves de povos com forte tradição cultural de origem africana. Origem, que temos plena consciência, que é marcada pelo estigma do racismo estabelecido e praticado em nosso país desde os tempos coloniais. Assim, nossa pesquisa consiste em perceber a dinâmica da educação quilombola como agente promotor da autoafirmação da descendência quilombola para a população negra ali inserida. E como as práticas efetivadas vêm promovendo (ou não), uma mudança significativa na forma de autorreconhecimento, valorizando esse legado em suas práticas culturais.

Conforme Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTDI) publicado em 11/03/ 2015 no Diário Oficial da União (DOU), a comunidade de remanescentes de quilombo, foi reconhecida em 2015 e representa uma das seis comunidades quilombolas dentro do município de Itacaré. A pesquisa atualmente em andamento tem nos proporcionado encontros positivos com as pessoas da comunidade, porém os dados coletados vêm refutado nossas hipóteses no que tange a educação ofertada nesse espaço.

Desde o primeiro contato com a escola, nos chamou atenção a estrutura física e a disposição da sala já nos denunciava uma escola regular. Era uma sexta-feira, dia planejado para a recreação, de acordo com a explicação da professora, que atua sozinha com a turma que compõem a educação infantil, com portando crianças de 3 a 6 anos. A professora, moradora da comunidade, atua com o vínculo empregatício de contrato e leciona há treze anos. O planejamento é feito quinzenalmente em encontros com a coordenadora, na zona urbana.

A ausência do Projeto Político Pedagógico não permitiu um entendimento maior dos encaminhamentos feitos para a citada escola, não havia muito o que analisar, mas o contato com o material didático, foi suficiente para entendermos o indicativo de que havia um paradoxo entre o que buscávamos e o que estávamos encontrando. Muitos livros do PNLD (novos, inclusive) de circulação nacional para escolas regulares. Não conversamos sobre a utilização dos mesmos, pois a professora do Fundamental I leciona no matutino. Procuramos os paradidáticos e localizamos poucos em meio a revistas para recorte. Quando questionamos sobre contação de histórias e se havia a prática de contar as antigas, que fazem parte do folclore brasileiro, por exemplo, fomos impactadas com a resposta: a gente conta, mas não tudo. Temos que diferenciar o que é certo e errado. Muitas histórias, as crianças têm

medo porque são muito feias. Perguntamos acerca das práticas culturais, de como os/as moradores/as afrodescendentes costumavam se relacionar para festejar, cultivar etc. A resposta é que não existe uma tradição festiva que se possa caracterizar com atividade cultural, pois os moradores da atualidade não se interessam por essas práticas.

Nos deparamos com um paradoxo, mas seguimos em nossa busca para efetivar nossa pesquisa e esse primeiro contato não vai impedir nosso estudo. Pelos corpus coletado, já podemos estabelecer algumas proposições, mas como há por parte dos profissionais da escola o cumprimento de orientações superiores, nosso próximo passo será encontrar na secretaria de educação alguém que possa com mais propriedade nos instruir acerca do processo educativo que envolve o currículo, escolar e a valorização da cultura afro-brasileira nesse território, já que insistimos na assertiva de que o fazer pedagógico é um fazer político em condições plena de combater o silenciamento e a negação histórica da participação ativa dos povos africanos em terras brasileiras.

CONCLUSÕES

Há obstáculos superáveis encontrados na Escola São Roque II, no que tange a preservação e reprodução da sua cultura, sendo o espaço escolar o lugar propício para disseminação do saber ancestral e de afirmação da identidade, pois é no ambiente escolar que a cultura deve ser preservada, entendemos nesse primeiro momento que há uma espécie de “apagão” na memória das pessoas que determinados assuntos ficam sem registro.

A escola tem um papel fundamental na reconstituição das práticas pedagógicas voltadas para o resgate da sua história, avivamento das memórias, e preservação da cultura imaterial que são as vivências passadas através da oralidade para os mais novos, com o objetivo de manter acesa as histórias contadas por Alfredo Gomes, um homem que fora escravizado, fugiu guiado pelas correntes do Rio de Contas” e ali no “FÔJO” estabeleceu um território de homens e mulheres que não aceitaram a condição de escravo e resistiram de todas as formas para que na contemporaneidade os seus descendentes pudessem ser livres.

O papel do professor reeducado e tornado um educador em ato, é de fundamental importância para a preservação do ser e do fazer quilombola na comunidade do Fojo. Entender e transformar o processo educacional atual é fundar e aplicar uma educação quilombola, eximida de preconceitos, é um desafio para professoras e professores que julgam tem o poder de decidir o que é bom e o que é ruim. E é desapontador perceber que uma consideração respaldada pelo saber popular e pela memória ancestral é tipificada como uma “coisa ruim”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. INCRA publica relatório de identificação e delimitação do território Quilombola do Fôjo, em Itacaré (BA). Salvador – BA, 2015. Disponível em:< www.increlatorio-de-identificacao-e-delimitacao-do-territorio-quilombola-do-fojo-> Acesso em 26 maio de 2019.

DAXENBERGER, Ana Cristina Silva, SÁ SOBRINHO, Rosivaldo Gomes Org. Comunidades Quilombolas e Diversidade Étnico-Raciais: Diferentes Olhares e Perspectivas. João Pessoa: Editora da UFPB,2014.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

GONÇALVES, Ana Maria; PERPÉTUO, Susan Chiode. Dinâmica de grupos na formação de lideranças. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.